

**AIRAS FERNANDES, DITO “CARPANCHO”, TROVADOR
COMPOSTELANO**

JOSÉ ANTÓNIO SOUTO CABO
(Universidade de Santiago de Compostela)
YARA FRATESCHI VIEIRA¹
(UNICAMP)

INTRODUÇÃO

A pesquisa centrada nas bases sociais sobre as quais se desenvolveu a poesia galego-portuguesa constitui um elemento fundamental para apreender a realidade daquele movimento poético. Esse labor, iniciado no séc. XIX, contou nos últimos anos com avanços fundamentais em que a combinação da investigação histórica associada à codicológica nos devolve dados preciosos sobre a origem e os contornos biográficos do lirismo trovadoresco peninsular².

Por outro lado, e apesar da coesão retórica do movimento ao longo do seu século e meio de existência, a investigação de aspectos como a inserção sócio-cultural e as relações intertextuais (com os trovadores provençais e franceses, mas também entre os galego-portugueses situados num mesmo micro-contexto) permite maior conhecimento da relativa especificidade dessa prática, dentro de determinado grupo ou mesmo de cancioneiros individuais.

1. DADOS HISTÓRICOS E BIOGRÁFICOS³

1.1. Estado da questão.

“Nada conseguimos apurar acerca deste autor”. Essas palavras de António R. de Oliveira (1992: 442), vinham sintetizar o que até não há muito

¹ Respectivamente: item 1, apêndices 1 e 2; item 2 e apêndice 3.

² Entre os trabalhos deste tipo destaca-se certamente, nos últimos anos, a obra de António Resende de Oliveira (cfr. infra).

³ Este trabalho foi possível graças à identificação dos documentos reproduzidos no apêndice 1, devida a Xavier Rei Souto. O estudo integra-se no projecto de investigação “Prosa historiográfica e documental” subsidiado pela Consellaría de Educación e Ordenación Universitaria da Xunta de Galicia (PGIDI00PXI2040PR).

conhecíamos sobre a biografia documentável de Airas Carpancho. Com efeito, os únicos dados disponíveis para este poeta ficavam limitados àquilo que se podia depreender da sua presença nos três cancioneiros que transmitiram o conjunto do *corpus* trovadoresco galego-português. Aliás, o facto de não contarmos com cantigas satíricas na sua produção impedia seguir algum tipo de pista que o aproximasse de circunstâncias históricas e/ou trovadorescas concretas. É essa situação que se reflecte nas palavras de Vincenzo Minervini, autor de um estudo monográfico sobre o poeta, quando afirmava que:

La vicenda biografica del poeta è assai oscura, e neanche l'esame del suo canzoniere ci soccorre al fine di ricavare una sia pure approssimativa collocazione storica della sua attività poetica. (Minervini 1974: 5)

No entanto, outro elemento vinha ainda ofuscar o nosso conhecimento sobre a personalidade real deste autor: o problema do nome. Carolina Michaëlis de Vasconcelos adoptou para o nosso poeta a denominação de “Ayres Corpancho” (Vasconcelos 1904 II: 341). Se a utilização de “Ayres” como (sobre)nome não põe problemas, já que a ilustre investigadora alemã pretendia simplesmente usar a forma moderna, o mesmo não acontece com o segundo elemento. Conforme se pode depreender das suas palavras, e uma vez que não invoca outro tipo de razões, a opção por “Corpancho” implica considerar que o “Carpancho” dos cancioneiros seria um resultado deturpado:

Colocci leu e escreveu tres vezes Carpancho e uma vez Cãpacho. Comparando estas formas, que nunca vi nem sei interpretar, com a alcunha Corpo-delgado, conservada no CV 938, e com alguns bonitos sobrenomes descritivos que a lingua portuguesa prodigalizava antigamente e que o povo nas Asturias, na Galliza e em Portugal ainda hoje gosta de empregar, caracterizando o exterior dos seus predilectos, julguei reconhecer nellas o apodo Corpo-ancho (=obeso). Á falta do patronymico e appellido, é impossível descobrir este Aires que talvez fosse jogral. (Vasconcelos 1904 II: 341-342)⁴

Essa mesma forma foi também preferida por José Joaquim Nunes. Em época mais recente, Elsa Gonçalves, neste caso aduzindo uma motivação paleográfica, com base numa leitura hipotética da *Tavola Colocciana*, mostrou alguma reserva a respeito de «Carpancho»:

Tra i problemi offerti dalla biografia del trovatore viene affrontato l'interrogatio riguardante il nome: Corpancho o Carpancho? L'a. decide per la seconda forma, non solo per ragioni paleografiche (Carpancho sarebbe la grafia presente in cinque luoghi delle sillogi nonché, per ben due volte, nella Tavola Colocciana), ma anche

⁴ É possível que na decisão tivesse influído a existência do apelido *Corpancho*, documentado por Godoy Alcántara no *Ensayo sobre Apellidos Castellanos* (Madrid 1871), como ela própria aponta na n. 1 da p. 342.

linguistiche, basate, queste, sul significato e sull'etimologia de carpancho. Pur accettando il ragionamento dell'ed. per quanto riguarda la scelta di «Carpancho», va tuttavia rilevato che nella Tavola la lettura Carpancho non sembra totalmente sicura, almeno per la rubrica n° 175, dove io sarei più propensa a ravvisare un Corpancho. (Gonçalves 1976a: 121)

Apesar de a maior parte dos autores que se aproximaram do poeta terem preferido o resultado maioritário nos cancioneiros, ecos da segunda denominação chegam até à actualidade; valha como exemplo a denominação *Ayras Carpancho (Corpancho)* que precede as poesias do mesmo em *LP (I: 109)*⁵.

Por outro lado, a ausência do patronímico permitiu durante bastante tempo a consideração dele como jogral (cfr. infra), segundo hipoteticamente apontava Michaëlis (1904: 342): “talvez fosse jogral”. Possibilidade que perfilharam Tavani (1990: 277) e Minervini (1993: 25), que também sugere interpretar um episódio poético do mesmo como indício dessa categoria:

Nada disso se aplica ao nosso poeta, até porque temos de considerar apenas literária, fictícia, e não reflexo poético de um fugaz episódio realmente sucedido, a alusão a uma tentativa de inserção na corte perdida por amor (e que quando muito sugeriria que se colocasse Carpancho na categoria poética dos jograis).

Já a respeito da sua naturalidade geográfica, a manifestação do desejo de ir a Santiago, exprimido pela amiga numa das suas cantigas de amigo, propiciou que, com maior ou menor rotundidade, se postulasse uma naturalidade galega e ocasionalmente compostelana (Nunes 1973: 274, Tavani 1990: 277).

Carolina Michaëlis (1904 II: 590), tomando em conta a sua colocação nos cancioneiros, integra-o, com algumas dúvidas, num grupo de “Vinte e dois trovadores do CA [que] floresceram nos primeiros decennios do sec. XIII e formam a vanguarda em todas as compilações”⁶. Por seu turno, Nunes (1928 I: 276), considerando o lugar que as cantigas ocupam nos cancioneiros, deduz que o rei a quem o trovador alude numa das cantigas “seria Fernando III ou seu filho, nos últimos tempos daquele e princípios dêste”. Partindo de conjecturas de natureza similar às da investigadora alemã, António R. de Oliveira (1994: 179-181) estabelece solidamente a pertença de Carpancho à fase inicial de

⁵ Quanto ao significado desse sobrenome, vários autores optaram por o considerar burlesco: “presumível alcunha, com o mesmo significado derisório” (Gonçalves 1999: 999); “Com martelante insistência as rubricas por sete vezes lhe chamam “Ayras Carpancho”, quase como que sublinhando a realidade, de resto inimaginável, que um certo número de poesias se deve atribuir a um tal “Ayras” só gratificado pela depreciativa alcunha de “carpancho” (Minervini 1993:25).

⁶ No entanto, ela mesma (Vasconcelos 1904, II: 591), referindo-se a *Corpancho, Nuno Porco e Solaz*, afirma que: “Dos poetas que conhecemos apenas os nomes, ignorando todas as circunstancias da sua vida, alguns hão de pertencer tambem ao meado do século, ou mesmo ao quarto e quinto decennio.”

formação dos cancioneiros, isto é aquela que integra o “cancioneiro de cavaleiros”. Ainda dentro deste, o trovador localiza-se na zona dos mais antigos “situando-se a sua actividade entre os fins do séc. XII e a década de cinquenta do século seguinte” (cfr. infra)⁷.

A integração nesse “cancioneiro de cavaleiros”, maioritariamente galego, e a tipologia das suas composições, com um número de cantigas de amigo superior ao das cantigas de amor, permitiam, respectivamente, atribuir-lhe condição nobre e naturalidade galega (cfr. infra). Com estes elementos, como suporte hipotético, António R. de Oliveira (1994:315-316) apontava a possibilidade de novas descobertas futuras:

Airas Carpancho um cavaleiro galego cuja actividade como compositor se situou por volta do segundo terço do séc. XIII? É sem dúvida para este esqueleto biográfico que apontam os dados indirectos que podemos utilizar. E a descoberta, no futuro, de indicações mais precisas sobre o seu trajecto poderá esclarecer-nos sobre a identidade da D. Costança em cuja corte, de acordo com uma das suas cantigas de amor, se encontrava a sua “senhor”.

1. 2. Novos dados

Se qualquer descoberta biográfica sobre a lírica galego-portuguesa é sempre interessante, esta terá a mais alta importância quando referida a algum elemento humano do núcleo que constitui o seu primeiro vestígio. O conhecimento, tanto quanto possível, desse grupo constitui a única via para explorar as origens desse movimento poético. Pensamos não estar enganados ao atribuir essa relevância às notícias documentais sobre Airas Carpancho que vamos apresentar. Estes dados aparecem, aliás, dotados de uma significação na verdade singular por nos situarem na que pode ser considerada sede inaugural do trovadorismo peninsular: o âmbito catedralício compostelano (Tavani 1990: 38-39). É precisamente desse mesmo âmbito que procedem os documentos em que se oferecem as notícias sobre o trovador e sobre a família dele. Trata-se em concreto de quatro escrituras do *Tombo C*, custodiado no Arquivo da Catedral de Santiago, que nos permitirão reconstruir alguns aspectos biográficos deste trovador; escrituras que são reproduzidas em apêndice no fim deste trabalho⁸.

É precisamente uma indicação de António R. de Oliveira que nos vai permitir, de modo indirecto, orientar a nossa análise para os documentos

⁷ A única circunstância anómala vem dada pelo facto de as suas cantigas de amigo aparecerem inseridas depois das de Nuno Fernandes Torneol, de Pero Garcia Buralês e de João Nunes Camanês, ao invés do que acontece com as de amor. O próprio Oliveira (1994: 180) aponta uma possível explicação: “Mas como foi nesta zona que foram integradas as composições de autores situados em níveis mais altos nas restantes, não sabemos em que medida poderão ter perturbado a ordenação aí existente.”

⁸ A elas nos referimos com a sigla T seguida do número do documento em questão.

citados. Em publicação recente, este estudioso propunha como naturalidade geográfica para Airas Carpancho o “Arcediagado de Cornado”, apontando a seguir:

O facto de, numa das suas cantigas de amigo, a amiga pretender dirigir-se a Santiago para o ver indicar-nos-á muito provavelmente o local ou a região de onde era originário. Seria natural da região do arcediagado de Cornado, situada a norte do Ulla, entre os afluentes Brandeso e Iso, onde se encontra documentado (Oliveira 2001: 187).

A fonte dessa afirmação, segundo se declara, é uma obra histórica sobre a figura do arcebispo compostelano; concretamente um passo da mesma em que se alude ao processo de recuperação dos benefícios eclesiásticos por parte do cabido, que se sintetiza no seguinte parágrafo:

Este proceso, originado en la reforma gregoriana y llevado a cabo lentamente y no sin tensiones, parece haberse dado fundamentalmente en la primera mitad del siglo XIII, introduciendo grandes modificaciones en el sistema tradicional de reparto de la propiedad de las iglesias, en el que los laicos eran poseedores de las parroquias y sus bienes: conservamos, para el período comprendido entre 1226 y 1240, un total de setenta documentos en los que una serie de patronos, mayoritariamente laicos, de iglesias del arcediano de Cornado, ceden gratuitamente o mediante el pago de una cantidad, sus derechos sobre las parroquias correspondientes y los bienes de éstas al arcediano compostelano don Juan Raimúndez, mencionando en la mayor parte de los documentos la causa que les impulsa a deshacerse de este tipo de propiedades, el grave pecado en el que se incurre poseyendo parte de las iglesias y sus bienes. Es posible que una política similar de concentración de la propiedad sobre las iglesias haya sido seguida en el resto del arzobispado a través de los otros arcedianos, y que por alguna causa no haya sido conservado testimonio documental. El caso del arcediano de Cornado nos sirve como ejemplo de esa política de reagrupación de los derechos sobre parroquias: se llevan a cabo cesiones o ventas sobre un total de treinta parroquias diferentes pertenecientes a los arciprestazgos de Bama, Barreiros (sic, por Barbeiros), Bembexo (sic, por Benvexo), Berreo y Ferreiros (González Vázquez 1996: 253)

Numa nota de rodapé, cita-se precisamente Airas Fernandes, dito Carpancho, como um dos indivíduos que vieram fazer cessão dos seus direitos económicos sobre paróquias situadas nesses arciprestados, todos situados a leste da cidade de Santiago⁹. Apesar de não constar explicitamente, a base para este último dado é indubitavelmente um documento de 1230 conservado no segundo volume do *Tombo C* (fól. 145). No entanto, como se pode verificar (essa escritura é T3 do nosso apêndice), as paróquias que se citam a respeito de Airas

⁹ Estes ocupam total ou parcialmente os seguintes concelhos: Arçua, Boimorto, Boqueixom, Cesuras, Frades, Mesia, Ordes, Oroso, Pino, Santiago e Touro. O espaço aproximado é delimitado exteriormente por uma linha que unisse Santiago, Ponte Ulha, Melide, Curtis, Ordes e Santiago.

Fernandes Carpancho não pertencem em nenhum caso a esses arceprestados. Trata-se de S. Vicente de Alom, S. Vicente de Águas Santas e Santa Maria de Isorna, freguesias situadas, respectivamente, nos actuais concelhos de Santa Comba, Rois e Rianxo; arceprestados de Céltigos, Íria-Flávia e Amaía, respectivamente. Alom situa-se no antigo arcediagado de Trastâmara enquanto que Águas Santas e Isorna formavam parte da deania de Santiago¹⁰. A conclusão não será substituir aquela hipotética naturalidade no arcediagado de Cornado, apontada por Oliveira (cfr. supra), por outra relativa a qualquer destes espaços; antes pelo contrário, na ausência doutros dados, a tenência dessas propriedades eclesiásticas não parece implicar, pelo menos necessariamente, o estabelecimento de uma vinculação desse carácter. Como veremos (cfr. infra), tudo leva a pensar numa origem familiar compostelana.

Uma vez esclarecida a confusão que gerou o entendimento incorrecto da documentação¹¹, passaremos agora à consideração das quatro escrituras do apêndice, justificando, em primeiro lugar, a pertinência da sua presença neste trabalho. Consideramos possível afirmar que os agentes dessas pertencem à mesma estirpe, isto é, trata-se de parentes (cfr. infra) do trovador Airas Fernandes Carpancho¹². Para além daqueles casos em que o parentesco é declarado de modo explícito, este vem assegurado pela posse conjunta do mesmo património eclesiástico, coincidindo todos no relativo a S. Vicente de Alom. Por outro lado, a declaração que Nuno Fernandes faz em T1 é um claro indício de estarmos perante uma co-propriedade familiar:

Ego Nuno Fernandi ecclesie Beati Jacobi canonicus, in cursus Parisuis more scolastico, testor vobis dominis et concanonicis fratribus meis eiusdem ecclesie in perpetuum quantam ecclesiasticarum hereditatum paterna successione me contingit autem me cum fratribus meis.

A primeira dúvida que resolve a documentação é o nome do poeta. Em T3, documento que lhe diz respeito directamente, aparece “Arias Fernandi, dictus Carpanchus”, o que nos leva necessariamente ao sobrenome Carpancho. De todos os modos, mesmo que tivéssemos testemunhos das duas variantes (Carpancho e Corpancho) - o que é duvidoso -, optar por “Corpancho” implicava infringir um dos princípios básicos da ecdótica ao dar preferência à “lectio faciliior”. Ainda mais importante é, se calhar, o referente à presença do

¹⁰ Os documentos do apêndice coincidem em demonstrar que a recuperação, para o cabido, dos direitos económicos sobre as igrejas não se limitava ao arcediagado de Cornado, como supõe Marta González Vázquez (cfr. supra). Também não se vê a motivação para o limite cronológico por ela apontado, já que as duas primeiras escrituras aqui publicadas são anteriores a 1226.

¹¹ Como exemplo dos riscos que se podem derivar do aproveitamento da documentação através de fontes indirectas, veja-se Souto Cabo (1994).

¹² Veja-se no “Apêndice” a reconstituição genealógica e os comentários à mesma.

patronímico “Fernandi” (Fernandes). A ausência desse elemento foi tradicionalmente considerada marca de condição jogralesca e de extracção social plebeia. Antes pelo contrário, em T3 figura também a indicação de “miles”, isto é, “cavaleiro”, confirmando plenamente a hipótese que António R. de Oliveira avançara (cfr. supra).

A documentação apresenta o cavaleiro Airas Fernandes Carpancho vivo em 1230: essa é a data do documento pelo qual entrega as partes das igrejas antes citadas. Apesar de não contarmos com qualquer constância explícita sobre a idade dele nessa altura, múltiplos dados indirectos levam-nos a pensar, de modo convergente, que o trovador já se encontrava numa fase muito avançada da vida. Vejamos alguns deles.

1. Pelo menos um dos pais já morrera em 1204, pois é nesse ano que Nuno Fernandes declara ter já recebido por “paterna successione” (T1) as propriedades que legará aos cónegos compostelanos. O mesmo podemos deduzir de T2 sobre Marinha Pais, mãe de Elvira e Mor Fernandes.
2. As cessões, como a transmitida por T3 a respeito do próprio Airas Fernandes, costumavam constituir uma previdência para a morte.
3. Um dos irmãos, o arcediano Adão Fernandes, faz testamento (T4) em 1232 declarando um estado de saúde muito precário: “sentiens me debilem, infirmum et gravi infirmitate”.
4. Igualmente neste último texto, consta que, pelo menos, um dos irmãos já falecera em 1232: “vox domini [Petri] Fernandi, qui fuit frater meus”.
5. Por outro lado, aos dados dos documentos do *Tombo C*, podemos acrescentar outros provenientes dos fundos de S. Martinho Pinário. Um dos códices desse mosteiro, custodiado no arquivo do mesmo convento, recolhe o resumo de uma escritura de 1237 (AHD, S. Martinho, c. 50, fól. 105) em que o cavaleiro Airas Fernandes lega a essa instituição diversos bens:

Manda que hiço, a este monasterio de Sant Martin, Arias Fernandez, soldado, entre otras cosas que manda a particulares, de un casal de heredad en Rubianes, felegresia de Sancta Maria de Rubianes, y tres casas. Era de 1275. Maço [104], folio 8.¹³

Se, como parece, estamos perante o testamento do trovador, isto poderá também apontar para a proximidade do fim dos seus dias nos últimos anos da década de trinta. Pelo que foi dito, podemos concluir sem dificuldades que a

¹³ M. Lucas Alvarez (1999: 343) apresenta também a síntese e as referências localizadoras do mesmo com algumas diferenças a respeito do que consta no código: “*Arias Fernández, caballero, deja al monasterio de San Martiño en su testamento un casal y heredades en Rubiáns, feligresia de Santa Maria de Rubiáns, y tres casas*. D. AHD, San Martín, c. 50, Arch. abrev., f. 107r, M. 106/12.” Notemos que o fólio correcto é o nº 105 e que a situação antiga era “Maço [104], folio 8”.

trajetória vital de Airas Fernandes Carpancho pôde ficar integrada, conjectural e aproximadamente, no período que vai de ca. 1170 a ca. 1240¹⁴. Em qualquer caso, teremos de admitir que a sua actividade literária se localizou plenamente no primeiro terço do século XIII.

Esta conclusão, de grande transcendência, afasta-se sensivelmente da última colocação temporal que lhe fora atribuída. António R. de Oliveira (2001: 158) situava-o, há pouco, ao lado de poetas caracterizados com o rótulo de “A expansão” e a indicação cronológica de “1240-1300”. De acordo com o que foi exposto, Airas Fernandes Carpancho poderá ser considerado um poeta de transição entre os grupos que esse estudioso denomina “As primeiras experiências” (1170-1220) e “A implantação” (1220-1240) (Oliveira 2001: 157-158). De acordo com essa cronologia, Airas Carpancho terá desenvolvido a maior parte da actividade literária durante o reinado do monarca galaico-leonês Afonso VIII - Afonso IX para a historiografia espanhola - (1188-1230). Este rei, como se sabe, demonstrou uma predilecção notória pela Galiza e concretamente por Santiago de Compostela, em cuja catedral, como panteão real, foi enterrado junto com o pai, Fernando II. Como a seguir veremos; o próprio Airas Fernandes aparece fortemente vinculado por motivos familiares ao contexto catedralício compostelano.

Com efeito, se se aceitar a árvore genealógica que elaboramos a partir dos documentos citados (cfr. *infra*), Airas Fernandes Carpancho terá sido bisneto de Pedro Gelmires, indivíduo que podemos identificar com o irmão ou o meio-irmão do primeiro arcebispo compostelano, Diego Gelmires. Seria portanto neto de um hipotético Paio Peres e filho de Fernando Pais. Os irmãos seriam Adão, Nuno e Pedro Fernandes. Como dissemos, a família aparece profundamente imbricada com a igreja de Santiago, o que poderá apoiar a identificação do bisavô com um dos filhos de Gelmiro. É nesse sentido que podemos interpretar: (i) a pertença de dois dos irmãos, Adão e Nuno, e do sobrinho, Afonso Peres, ao cabido compostelano; (ii) o enterramento dos pais às portas da catedral (T4): “sepulcra distinta patris et matris mee qui sunt ad portam ecclesie in primo ingresu platee palatii” e (iii) a própria posse dos benefícios eclesiásticos, cuja origem aparece atribuída em T2 a Pedro Gelmires.

Com independência dos benefícios paroquiais aludidos (cfr. *infra*), cuja localização não parece necessariamente relacionada com a procedência geográfica do proprietário, na síntese conservada do testamento de Airas Fernandes (cfr. *supra*) consta a cessão ao mosteiro de S. Martinho de Santiago de uma herdade em Rubiáns (c. Vilagarcia de Arousa) e de três casas de que não se precisa a situação; circunstância que sugere a localização das mesmas também em Santiago ou nas proximidades. Esta hipotética ligação à capital da

¹⁴ É provavelmente ele o “Arias Fernandi miles” que comparece em 1226 num documento de Sobrado (Los Certales 1976, II: 387, doc. nº 388).

Galiza é assegurada plenamente pela documentação referente aos irmãos, nomeadamente no caso do testamento de Adão Fernandes (T4). Para além da referência à sepultura dos pais no cemitério compostelano (cfr. supra), este último alude à própria casa em Santiago “versus Fagariis” como tendo sido recebida por herança: “domum meam in qua modo moror quam habeo ex parte avorum meorum”. Por outro lado, ficamos a saber da existência de uma extensa propriedade familiar, que inclui torre e paço, no lugar de Balcaide (c. Teo):

Mando etiam VIII parte totius ville, hereditatis et turris et palatii et servitium et domum et omniumque rerum mihi in Belcairi pertinentium, tam intus quam extra ad quascumque partes extenditur hereditas de Belcayri.

Tudo isto confirma que nos encontramos perante uma linhagem da média nobreza sediada na cidade de Santiago e com casa-torre em Balcaide. Além de nesse local, outras propriedades situavam-se, ao que parece, a norte da capital (c. Trazo e c. Val do Duvra¹⁵) e, talvez, na margem sul da Ria de Arousa (c. de Vilagarcia de Arousa¹⁶)¹⁷.

Os benefícios eclesiásticos desfrutados pelos diferentes membros da família inscrevem-se num triângulo geográfico cujos extremos seriam Lage, Compostela e Rianxo. Trata-se de paróquias correspondentes às antigas jurisdições da deania de Santiago e, em muito menor medida, do arcediagado de Trastâmara. Em concreto citam-se: Águas Santas c. Rois (Adão, Airas, Nuno), Alom c. Santa Comba (Adão, Airas, Mor-Elvira, Nuno), Bastavales c. Briom (Adão, Nuno), Calo c. Teo (Adão, Nuno), Ervinhou c. Val do Duvra (Adão), Isorna c. Rianxo (Adão, Airas¹⁸), Leronho c. Rois (Adão, Nuno), Luou c. Teo (Adão, Nuno), Riba Sar c. Rois (Adão, Nuno), Serantes c. Lage (Adão)¹⁹.

Esta ampla participação dos membros dessa linhagem nas propriedades eclesiásticas reafirma o relacionamento da mesma com o âmbito catedralício compostelano, apoiando a possibilidade de identificar Pedro Gelmires com um

¹⁵ Na doação de Nuno Fernandes (T1) citam-se casais e herdades em Revoredo do Meio (c. Val do Duvra) e Berreo (c. Trazo).

¹⁶ Referimo-nos à menção de uma herdade em Rubiáns, segundo consta no resumo do testamento de Airas Fernandes. Neste caso não pode existir certeza absoluta sobre a identificação do mesmo com Airas Fernandes Carpancho.

¹⁷ Lembremos que Gelmiro foi tenente das Torres do Oeste (c. Catoira) situadas no ponto em que se inicia a ria citada.

¹⁸ Note-se que a paróquia de Isorna está na margem norte do interior da ria de Arousa e que Rubiáns (freguesia referida no testamento de Airas Fernandes a propósito de herdades doadas a S. Martinho) ocupa um ponto similar no lado sul do mesmo espaço.

¹⁹ Adão Fernandes é aquele que conta com o maior número de propriedades, um total de dez. Sete são compartilhadas com Nuno Fernandes. Airas Fernandes Carpancho participa em três igrejas, coincidindo em três casos com Adão e em dois com Nuno. Elvira e Mor Fernandes possuem unicamente uma.

dos irmãos do primeiro arcebispo compostelano. Segundo se pode deduzir da informação contida na *História Compostelana* (II, 42), entre os irmãos de Diogo Gelmires, contavam-se dois com o nome de “Pedro”, talvez resultado de um segundo casamento de Gelmiro. O hipotético bisavô do trovador seria, portanto, um deles, provavelmente o meio-irmão de Gelmires. Ainda mais significativo, no sentido apontado, é a integração de diversos membros da família na própria igreja de Santiago. Este é o caso dos irmãos Adão e Nuno Fernandes, respectivamente, arcediogo e cónego, e do primo Afonso Peres, subdiácono porcionário e cónego da mesma.

Outro aspecto familiar de indubitável transcendência cultural é facto de os irmãos citados, Adão e Nuno, terem estudado em Paris, segundo consta nos documentos que lhes dizem respeito. Assim, Nuno Fernandes estabelece em T1 que o motivo das doações é precisamente o deslocamento iminente a Paris, por motivos de estudos nessa cidade: “Ego Nuno Fernandi ecclesie Beati Jacobi canonicus, yn cursus Parisius more scolastico”. Quanto a Adão Fernandes, essa referência é feita em tempo passado “dum ego in scolis eram” (T4). Neste caso, inclusive consta a posse de livros daquela procedência que deixa ao arcebispo Bernardo II: “Mando domino meo compostellano archiepiscopo omnes libros meos quos de me tenet in pignore Simon Framench apud Parisius”. Estamos perante uma manifestação da efervescência cultural compostelana iniciada em tempos de Gelmires: “a prática de enviar os clérigos para terminar seus estudos em instituições estrangeiras” (Vieira 1999: 92)²⁰. E um dos precedentes conhecidos refere-se precisamente ao próprio sobrinho do arcebispo, deão da igreja de Santiago, que em 1121 se encontrava estudando na França com outros cónegos: “nepotem suum P. beati Iacobi ecclesie decanum, qui in Francia philosophicam disciplinam adiscebat ... concanonis, qui secum studium frequentabant” (HC II, 49).

Ainda referido ao último dos citados, o arcediogo Adão Fernandes, temos de notar que foi identificado por Antonio López Ferreiro (1902: 366) com “Adão, o clérigo”, poeta latino, autor de várias sátiras contra as mulheres e sobre a virtude do dinheiro. O dado, evidentemente, seria do maior interesse, já que demonstraria a convivência “familiar” da incipiente corrente literária romance com a tradição latina.

Apesar de Airas Carpancho não contar com composições satíricas, aquelas que nos oferecem maiores possibilidades para, no caso, descobrir aspectos concretos da vida ou da carreira poética de um determinado compositor, surgem na sua obra duas referências pontuais que poderão ser utilizadas para reconstruir alguns dados. A primeira, já citada, tem a ver com o propósito de fazer romaria

²⁰ Veja-se também F. J. Pérez Rodríguez (1997: 342).

a Santiago de Compostela, expresso pela protagonista de uma cantiga de amigo (C13):

Por fazer romaria, pug'en meu coraçõn,
a **Santiag'**, un dia, por fazer oraçõn
e por veer meu amigo logu'i.

Trata-se de uma cantiga de romaria de significação realmente singular. Por um lado, constitui provavelmente o exemplo mais antigo deste tipo e, por outro, é a única que tem como meta o santuário de Santiago de Compostela (Minervini 1993:25). Logicamente, foi interpretada como sendo um indício da naturalidade compostelana para o nosso autor (cfr. supra). Aquela conjectura conta, portanto, com apoio da documentação.

A segunda indicação circunstancial integra-se numa cantiga de amor (C1) em que o sujeito, numa manifestação realmente invulgar, declara ter visto pela primeira vez a “senhor” em casa de “Dona Costança”:

Poys que sse non sente a mha senhor
da coyta em que me tem seu amor,
mha morte muy mester me sería.
Se senpr'ey d'aver atal andança,
catyvo, que non morry o dia
que a vy **en cas Dona Costança?**

A referência poderia estar dotada de um interessante significado para a história do lirismo galego-português, a pensarmos que está a reflectir a existência de algum tipo de convívio poético que se via propiciado na residência da senhora citada. Dada a ausência de dados biográficos sobre o autor, ao que parece, ninguém chegou a avançar qualquer tipo de identificação da mesma com alguma personagem histórica. Apesar de os novos dados documentais não oferecerem nenhum tipo de pista concreta ao respeito, tendo em conta a cronologia e naturalidade do poeta, poderemos pensar com algum fundamento que se trata de Dona Costança Martins, mulher de Múnio Fernandes de Rodeiro, documentada em vida entre 1245 e 1247²¹ e morta, pelo menos, em 1257²². De

²¹ Nessas datas comparece com o marido por causa de transacções sobre herdades situadas, respectivamente, em Bions c. Abegondo (AHN 541/5) e Almuçara c. Boborás (AHN 1523/13).

²² Nesse ano, o marido troca com Airas Nunes diversas propriedades na região de Tui, algumas das quais pertenceram a Dona Costança, por outras em diversas zonas: “eu dõ Munio Fernandiz de Rodeyro ... dou a uos Airas Nuniz e a uos Ffernando Nuniz quanta herdade ey por uoz de dõna Constanza, mya moler que foy, a qual a ella pertinezia de parte de sou padre dõ Marti Fernandiz & de sou tyo Joham Fernandiz en Guyllaney... eu Airas Nuniz por mj” & por meu hermano Ffernando Nuniz & por toda nossa voz dou a uos dõ Munio Fernandiz & a toda uosa uoz quanta herdade e quanta uoz auemos ena Pousa da Pena & en Lemos de parte de nosso padre dõ Nunu Fernãdiz & en toda Asma & eno casar da Costa & en Biones & i Leyro & en todo Nendos”.

acordo com estes dados, poderia ter vivido entre ca. 1190 e ca. 1255, sendo em boa medida contemporânea de Airas Carpancho (cfr. supra).

A linhagem dos Rodeiro, originária das terras do mesmo nome situadas no interior da actual província de Pontevedra, teve um considerável protagonismo na altura, como sublinhava Marta González Vázquez (1996: 207): “Se trata de una de las familias cuya historia podemos seguir con mayor precisión desde fecha muy temprana, gracias a su posición predominante en la corte leonesa de Alfonso IX en adelante”. Entre os indivíduos sobressalientes desta família, interessam nomeadamente Pai Moniz (cfr. infra) e Múnio Fernandes²³. O segundo, marido de Dona Costança Martins, para além de ocupar diversas tenências²⁴, aparece em 1224 como “vicário” do meirinho real²⁵ e, a partir de 1237-1239, ele próprio como meirinho²⁶.

Aliás, o relacionamento hipotético da família com os meios trovadorescos, sugerido no texto poético, pode contar com outro precedente de enorme relevância se aceitarmos a identificação da “filha de dom Paai Moniz”, presente na “cantiga da guarvaia” de Pai Soares de Taveirós, com “Maria Pelagii filia de Pelagio Munionis de Rodeiro”²⁷. Este último seria Pai Moniz de Rodeiro, citado em 1203 como “tenente honores S. Jacobi”²⁸ e em 1210 como “pirticario sancti

O documento, procedente do AHN (1087/16), é reproduzido por Maia (1986: 69-70). No ano 1258, D. Múnio dá “por sua allma & de mia moler Donna Costancia que fuy perla mia casa que eu fix no burgo de Negralle” (AHN 1088/5), cfr. Maia (1986: 71-72).

²³ Sobre a presença documental deste indivíduo e doutros membros desta linhagem, veja-se García Oro (1981: 381, 382, 392, 396, 397, 401, 405, 416, 417).

²⁴ Tenente de Camba em 1228 (ACO mon. 304), de Orcellhom em 1237 (ACO, mon. 450), do castelo de Santa Cruz em 1249 (AHPO, perg. Ramirás, 1) e do couto de Doçom em 1251 (ACO, mon. 664). As datas que se indicam correspondem-se com a primeira documentação dessa actividade. Os documentos estão integrados nas colecções publicadas por Romaní (1989) e Lucas Álvarez & Lucas Domínguez (1988).

²⁵ “meirino de rex Michaellem Petri et vicario eius Munionem Fernandi” (ACO, mon. 250). Reproduzido por Romani Martínez (1989: 247).

²⁶ Na documentação de Osseira ocorre como meirinho entre 1239 (AHN 1520/1) e 1251 (ACO, mon. 669). Nos fundos desse mosteiro e em 1253 (AHN 1526/1) figura como: “Munio Fernandi maiorinus domni Regis in rebus abbatie” Note-se que nos índices de Romaní Martínez (1989: 1321) surgem algumas discrepâncias a respeito daquilo que se reflecte na documentação. García Oro (1981: 405) atribui-lhe o cargo nas datas de “1237-1252-1255-VII-4-1260-IV24” com apoio doutros diplomas (AHN 1216/1-16, 1216/10). Segundo R. Pérez-Bustamante (1976, II: 289) teria ocupado esse cargo entre 1238 e 1252.

²⁷ Esta possibilidade foi esboçada por Resende (1994: 402) e concretizada por Vallín (1995) que notou a existência do documento de Osseira (AHN 1538/17) em que se estabelece esse relacionamento (cfr. Romaní 1989: 1230-1231).

²⁸ Documento de S. Paio de Antealtares integrado na *Colección Diplomática de Galicia Histórica*, pp. 454-455, nº 104. Poderia ser também o Pai Moniz de Refronteira citado em 1204 num documento dessa mesma colecção (pp. 403-404, nº 87) procedente da Colegiada de Sar.

Iacobi”²⁹. A importante participação desta família na administração da igreja de Santiago continuou ao longo do século XIII³⁰ com Vasco Fernandes de Rodeiro, pertigueiro no primeiro quartel do século, ou com Martinho Fernandes de Rodeiro, arcediogo de Cornado, pelo menos entre 1283 e 1296. A ascensão desta linhagem no âmbito catedralício compostelano culminou na primeira metade do séc. XIV com Martinho Fernandes de Grés, arcebispo de Santiago entre 1339-1342³¹.

Seria, portanto, bastante lógico pensar que os Rodeiro tivessem chegado a favorecer a existência de uma corte poética e que nela tenham participado Pai Soares de Taveirós e Airas Fernandes Carpancho, tendo ambos deixado constância indirecta de tal facto na sua produção (cfr. infra). Por outro lado, a intensa ligação dos Rodeiro e da família de Airas Fernandes Carpancho à Sé compostelana pôde constituir um importante elo de união entre ambos os grupos familiares, propiciando o convívio que se reflecte na composição a que aludimos. Desconhecemos qual seria o espaço físico em que se desenvolveram tais contactos³², no entanto, não podemos descartar que o contexto urbano fosse a própria cidade de Santiago, centro do poder político e eclesiástico³³ da Galiza e até certo ponto do conjunto do reino galaico-leonês até à morte de Afonso VIII (=Afonso IX).

1.3. O lugar de Santiago de Compostela na lírica galego-portuguesa

A localização espacial e cronológica de Airas Fernandes Carpancho, bem como a conexão dele com o meio eclesiástico compostelano, poderão vir reforçar a teoria segundo a qual foi precisamente no âmbito catedralício de Santiago onde se deram as condições que viriam propiciar a origem da lírica galego-portuguesa. Esta opinião conta, como se sabe, com uma tradição que

²⁹ ACO, mon. 126, reproduzido em Romaní (1989: 143-144, nº 135). Sobre a figura do pertigueiro veja-se Barreiro Somoza (1974). É possível que nos encontremos com uma das primeiras menções do cargo, criado nos últimos anos do pontificado de Pedro Soares de Deça (1173-1207). Em 1211 o pertigueiro passa a ser Nuno Nunes de Lara. A pertigaria de Santiago foi outorgada a personagens destacadas da cúria real.

³⁰ Cfr. González Vázquez (1996: 207, 213).

³¹ A denominação de “Grés” foi adoptada por um ramo da família a partir da posse da comarca em questão por concessão da igreja de Santiago (González Vázquez 1996: 207). A actual freguesia de Santiago de Grés pertence ao concelho da Vila de Cruzes (PO).

³² As propriedades de Múnio Fernandes e Costança Martins, apesar de concentradas no interior de Pontevedra, aparecem num espaço tão amplo como seria uma linha que unisse Abegondo com Tui, passando por Sobrado, Lalim, Boborás, Leiro e Barbantes. Existe constância de uma fortaleza situada em Rodeiro, cujo primeiro proprietário conhecido foi Vasco Fernandes de Rodeiro (González Vázquez 1996: 207).

³³ A respeito da corte senhorial de Rodrigo Gomes, veja-se Vieira (1999: 79-110).

arranca nos inícios do século³⁴, tendo sido (re)formulada, em período mais recente, por Giuseppe Tavani (cfr. infra). No entanto, António R. de Oliveira opõe-se mais ou menos explicitamente a essa tese utilizando como argumento, entre outros, a “ausência de Santiago” das fases mais recuadas da lírica galego-portuguesa por ele estabelecidas. Essa opinião aparece, de algum modo, sintetizada no seguinte parágrafo:

Uma última palavra para a ausência de Santiago de Compostela da cartografia da implantação. Ela não nos deve causar admiração depois de algumas das reflexões feitas na sequência da análise das conjunturas trovadorescas. Na verdade, tratando-se de uma das manifestações de autonomização cultural da nobreza, os centros de elaboração da canção trovadoresca seriam, inevitavelmente, os centros do poder nobiliárquico, alguns dos quais procurámos já circunscrever, e não o mais importante centro da cultura latina na Galiza. Neste particular, o investigador deve aprender a detectar e a respeitar a diversidade cultural medieval e os respectivos centros de produção, de modo a evitar associações abusivas que somente poderão desvirtuar a compreensão dos fenómenos culturais em análise. Ora, alterada a perspectiva de abordagem, resta perguntar se o que causaria admiração não seria, antes, a eventual presença de Santiago na cartografia dos inícios da produção trovadoresca galega. (Oliveira 2001: 149)

Ora, os dados acima coleccionados para Airas Fernandes Carpancho (cfr. supra) levantam algumas dúvidas sobre as conclusões a que chegou o professor de Coimbra. Não se trata de debater de novo sobre o assunto das origens, cuja complexidade ultrapassa os limites deste trabalho, mas apenas reflectir sobre aspectos que consideramos mais discutíveis.

Na primeira objecção está directamente implicada a figura de Airas Fernandes Carpancho na qualidade de trovador compostelano situado, no mínimo, na fase dita de “implantação” (1220-1240). Tratar-se-ia de uma situação na verdade excepcional, já que alguns poetas desse período vinculados tradicionalmente à cidade de Santiago aparecem agora, de acordo com António R. de Oliveira, afastados da mesma. Esta é a situação de Bernal de Bonaval, Osoiro Eanes e Abril Peres (cfr. infra). No entanto, consideramos que essa nova proposta não deixa de contar com algumas dificuldades. O caso mais conflituoso parece o de Bernal de Bonaval. A ligação ao bairro compostelano foi substituída por uma hipotética naturalidade num lugar do mesmo nome no concelho de Oia. Ora, a menção da “sagração de Bonaval”, presente numa das suas cantigas, só pôde fazer sentido se referida a um acontecimento relevante como foi a consagração da igreja compostelana de S. Domingos de Bonaval, ocorrida ca. 1230 (Manso Porto 1993: 269). Pelo contrário, não há constância da existência, actual ou passada, de qualquer templo nesse pequeno local do

³⁴ Entre aqueles que a definiram, encontram-se Menéndez Pelayo, A. López Ferreiro ou a própria C. Michaëlis de Vasconcelos.

concelho de Oia. Ligado ao anterior, Abril Peres, membro de uma conhecida família compostelana, passa a ser situado na região de Toronho por um hipotético relacionamento com os Sousas e, curiosamente, pela existência de uma tenção com Bernal de Bonaval: “O relacionamento deste jogral com os Sousas e com Bernal de Bonaval torna credível a adscrição da sua obra ao círculo dos senhores de Toronho, no sul da Galiza” (Oliveira 2001: 185). Um caso similar é o de Osoiro Eanes, cuja condição de cónego compostelano aparece desprovida de qualquer significado para o situar espacialmente, sendo preterida em favor da “Região de Noia” (Oliveira 2001: 199), porque nesse espaço é que se situa a origem dessa família. Lembremos, aliás, que Noia foi vila ligada intimamente à igreja de Santiago, a cujo senhorio pertenceu durante a Idade Média. Tendo em conta estas objecções, não nos parece impossível postular a existência de, no mínimo, quatro poetas intimamente vinculados à capital galega na referida fase de “implantação”: Abril Peres, Airas Fernandes Carpancho, Bernal de Bonaval e Osoiro Eanes.

É interessante notar que, pelo menos, três desses poetas aparecem relacionados de modo mais ou menos directo com o mundo eclesiástico jacobeu, com especial significado no caso de Airas Fernandes Carpancho (cfr. supra). Esta característica teve, como sabemos, uma certa continuidade nos períodos posteriores com Airas Nunes, Pai da Cana e Rui Fernandes de Santiago. Esse mesmo relacionamento implica que não existiu qualquer tipo de incompatibilidade entre a cultura eclesiástica para a qual se utilizou maioritariamente a língua latina, e a expressão poética romance. Antes pelo contrário, se aceitarmos o caso dos irmãos Adão e Airas Fernandes (cfr. supra), parece ter existido uma convivência “familiar” e natural entre ambas.

António R. de Oliveira considera a existência de dois momentos na adaptação do trovadorismo. O primeiro teria como sede “círculos castelhanos e leoneses, quer régios quer senhoriais, junto dos quais a presença provençal era mais assídua” (Oliveira 2001: 176), sendo duvidosa “a importância real do galego-português nestas primeiras tentativas de adaptação do legado occitânico” (2001: 82). Só a segunda fase é que seria propriamente galego-portuguesa, tendo consistido na adaptação dos modelos occitânicos por parte da nobreza do noroeste peninsular. Ora, para nós esta proposta do professor de Coimbra levanta numerosas interrogações, sobretudo no que diz respeito ao primeiro período e ao hiato existente entre este, hipoteticamente, castelhano-leonês e o segundo, galego-português.

Antes de abordar alguns aspectos, parece-nos necessário lembrar que a pesquisa sobre as origens do lirismo galego-português conta com um limite incontornável: aquilo que chegou a nós é apenas parte do mesmo, pertence a uma fase em que esse movimento já se encontrava totalmente consolidado. A enorme homogeneidade temática e formal do corpus poético, desde as mais

antigas amostras, parece não deixar lugar a dúvidas a respeito. Isto quer dizer que não nos é dado conhecer com mínima concreção como é que foram as primeiras experiências poéticas, nem quais as coordenadas em que estas se inscreveram. O único procedimento para reconstruir aquele primeiro período é a via dedutiva a partir dos escassos vestígios conservados, o que aconselha proceder com enorme prudência à hora de tirar qualquer tipo de inferência de carácter geral.

Creemos, portanto, que não há dados suficientes nem convergentes para postular a existência dessa primeira fase com sede no centro da Península cristã “com particular incidência em Castela” (Oliveira 2001: 82). A tese assenta fundamentalmente na existência de alguns autores dessa procedência situáveis em finais do séc. XII, concretamente Gonzalo Ruiz, Gomez, “Us castellans” e Rodrigo Dias dos Cameiros (Oliveira 2001: 80-82). No entanto, os escassos e incertos dados que temos sobre a obra deles não permitem postular, nem minimamente, a existência de uma produção trovadoresca castelhana-leonesa prévia à galego-portuguesa, hipótese implícita na teoria de Oliveira. Antes pelo contrário, os mais antigos vestígios apontam inequivocamente para a utilização do galego-português como veículo poético, como se demonstra na obra de Paiva e Vaqueiras³⁵. Aliás, fica por explicar a falta de continuidade dessa hipotética lírica castelhana-leonesa e, sobretudo, por quê é que foi substituída pela corrente galego-portuguesa, a pensarmos que esta representa a continuidade daquela.

Os dados históricos concretos e gerais apontam de maneira convergente para a Galiza e mais concretamente para Santiago de Compostela como espaço possível para a origem da nossa lírica trovadoresca. Talvez não tenham sido suficientemente aproveitados alguns factos conhecidos. Por exemplo, parecem-nos enormemente elucidativo que Rodrigo Dias dos Cameiros, o único dos autores castelhanos antes citados cuja integração na lírica galego-portuguesa está provada³⁶, seja precisamente neto de Fernando Peres de Trava³⁷ de quem também descende, na qualidade de bisneto, Rodrigo Gomes. Este dado reforça certamente o papel da família dos Trava na origem e desenvolvimento do trovadorismo galaico, já que não parece lógico atribuir ao puro acaso a participação do senhor dos Cameiros nessa corrente poética. Ao mesmo tempo, a localização do seu senhorio na área³⁸ em que confluem os reinos de Castela,

³⁵ Cfr. Brea (1994).

³⁶ Este autor aparece citado na *Tavola Colocciana*, índice do actual *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, mas a existência de uma lacuna impediu a conservação da sua obra.

³⁷ Sobre a família dos Trava, veja-se o estudo de Vieira (1999).

³⁸ Na actualidade, a região dos Cameros situa-se no sul da comunidade da Rioja, ocupando também parte do norte da província de Sória, no nordeste da comunidade de Castela-Leão.

Navarra e Aragão talvez possa deitar luz sobre a presença nessa mesma região doutra figura destacada do nosso trovadorismo como João Soares de Paiva.

Por outro lado, estamos de acordo com António R. de Oliveira quando sublinha a importância das cortes régias na origem do trovadorismo galego-português. No entanto, será bom lembrar o papel de preeminência que o elemento galego teve nas mesmas desde os inícios do séc. XII até ao primeiro terço do séc. XIII. É bem conhecida a profunda identificação que com a Galiza e Santiago tiveram Afonso VII (1110-1157), Fernando II (1157-1188) e Afonso VIII (=Afonso IX) (1188-1230), até ao ponto de podermos afirmar que Compostela foi, em boa medida, a capital do reino³⁹. Ao mesmo tempo, esta cidade foi um dos maiores focos de recepção e assimilação dos influxos culturais de além Pirenéus, de que a própria catedral de Santiago é magnífico exemplo a nível escultórico e arquitectónico⁴⁰. Neste sentido, parece-nos totalmente lógica a interpretação de G. Tavani quando considera de maneira solidária as diversas manifestações culturais:

Como acontece com o Mestre Mateus no campo das artes figurativas, também no âmbito literário se devem ter verificado condições e se devem ter produzido resultados análogos. Como resposta aos impulsos culturais provenientes de além-Pirenéus, alguns litterati - evidentemente clérigos na sua maioria, ainda que se não possa excluir a participação de alguns leigos, provavelmente de famílias nobres e educados na escola arquiépiscopal - devem ter elaborado material temático preexistente e de importação (de cujas formas não nos é dado saber nada), conferindo-lhe características expressivas originais no plano linguístico, no plano da especificidade sociocultural e no plano do acompanhamento melódico (Tavani 1990: 39).

A ligação familiar de Airas Fernandes Carpancho ao âmbito catedralício compostelano e a sua provável pertença à linhagem do primeiro arcebispo, junto com outros dados da mesma índole⁴¹, reforçam a tese do estudioso italiano.

³⁹ Lembremos que Afonso VII, antes de passar a ser rei de Castela, fora coroado como rei da Galiza na catedral de Santiago em 1110. Por seu turno, Fernando II e Afonso VIII (=IX) escolheram a própria Sé compostelana como panteão real.

⁴⁰ No desenvolvimento desse relacionamento privilegiado com as terras da antiga Gália tiveram um papel de destaque, Reimundo de Borgonha, conde da Galiza entre 1092 e 1107, ele próprio francês, e Diego Gelmires (1101-1140). A amizade pessoal deste último com Guilhem de Peitieu aparece plasmada numa carta do aquitano ao arcebispo de Compostela recompilada na *História Compostelana* (II, 34) e poderá ser indício de um relacionamento cultural mais amplo entre a Galiza e a Provença através do Caminho de Santiago.

⁴¹ Nomeadamente a participação doutras figuras próximas, em maior ou menor grau, do mundo eclesiástico jacobeu (cfr. supra).